

RELATO DE EXPERIÊNCIA: BRINCADEIRAS (NHAHEWANGÁ) COMO TÉCNICAS CORPORAIS DOS GUARANI DA ALDEIA M'BIGUAÇU

Eliton Clayton Rufino Seára¹
Antonio Luis Fermino²

PALAVRAS-CHAVES: Brincadeiras 1; técnicas corporais 2; Guarani 3

Este texto remete um breve diálogo com as técnicas corporais, conceito de Marcel Mauss (1974), apresentado a partir de duas brincadeiras do povo Guarani, pertencentes da aldeia M'Biguaçu, localizada na grande Florianópolis. As considerações trazidas são fruto de uma relação construída com os Guarani em diversas oportunidades sendo que, desde a elaboração do trabalho de conclusão de curso: *Dias de índio: vivências e discussões sobre a cultura indígena guarani nas aulas de Educação Física em uma escola não indígena* (FERMINO; SEÁRA e SILVEIRA, 2011)³, até as últimas incursões na aldeia (2012,2013,2014) foi possível observar e refletir a partir de interlocuções, como se dão as interações com os elementos de sua cultura tradicional e, nesse envolvimento, as brincadeiras tendo como o lugar primeiro desta relação o corpo.

Nesse sentido, serão trazidas descrições de duas brincadeiras: a da Mandioca (*Mãdji'o*) e a brincadeira da Abelha. A primeira se constitui da seguinte forma: uma criança senta-se no chão, simbolizando a mandioca plantada, enquanto uma ou duas crianças fazem a colheita e, assim, devem puxar o braço da mandioca (criança) até que esta saia do chão. A mesma brincadeira também é realizada com as crianças segurando na árvore, fazendo assim a menção do segurar com a raiz que é firme e forte e precisa de muita força para ser tirada da terra. Pode-se notar que além do espírito de liberdade, de ludicidade e de diversão, esta brincadeira propicia subsídios e saberes em relação à colheita da mesma e, com isso, é notório a relação que se imprime com a vida social destes sujeitos, já que na aldeia em questão há o plantio de milho e de mandioca.

Outra brincadeira que pode ser citada por manter uma relação tanto com o aprendizado sem desvincular-se do lúdico, do brincar, é a brincadeira da abelha (*Eiruparu*) que, através da interlocução de Dona Fátima, filha de seu Alcindo, o *Karaí* da aldeia, foi contada na mesa do refeitório da escola. Ao lhe perguntar se a corrida das crianças que ali estavam, era pega – pega, dona Fátima disse que as crianças representavam as abelhas e que quando a colmeia era atacada, as abelhas deveriam correr atrás de quem a atacou, que nesse caso, seria o colhedor de mel.

Para elucidar ainda mais este contexto de aprendizado entre o brincar e o social dos Guarani, a brincadeira da abelha será contextualizada a partir da explicação de professores e educandos da escola *Wherá Tupã- PotyDjá (escola da aldeia)*:

¹ Mestre em Educação PPGE/UFSC, Professor de do curso de Educação Física – Univali- Universidade do vale do Itajaí. E-mail: elitonseara@gmail.com

² Mestre em Educação PPGE/UFSC, Professor de do curso de Educação Física - Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI). E-mail: antonioluisf@gmail.com

³O trabalho teve como foco a cultura indígena Guarani (povo da aldeia M'Biguaçu) introduzida nas aulas de Educação Física, mais especificamente envolvendo a música-dança, entrelaçando-as neste contexto as pinturas corporais e os desenhos dos instrumentos.

Abelha (Eiruparu)

As crianças ficam sentadas uma ao lado da outra. Uma fica em pé, que é o colhedor de mel, e a outra é o chefe.

- Tem mel? [colhedor]
- Não tem filhote, volta daqui um mês. [chefe]
- Tem mel? [colhedor]
- Vai lá ver se tem! [chefe]
- Não, ainda não tem. [colhedor]
- Então volta daqui a dois meses. [chefe]
- Tem mel? [colhedor]
- Tem, pode pegar. [chefe]

E assim o colhedor de mel carrega criança por criança, mas...

- Quando o colhedor chegar ataquem ele.

Quando eles conseguirem pegar o colhedor a brincadeira acaba.

Nesta relação em que as crianças vão se apropriando dos elementos da cultura de seu povo através das brincadeiras, a noção de aprender se torna experiencial e, contemplando-se outras questões culturais com o que os anciões retratam através da oralidade, estas formas de conhecimento são completamente colocadas em foco pelos Guarani.

Mencionar as brincadeiras nas técnicas corporais, conceito atribuído por Marcel Mauss, implica dizer que são “as maneiras como os homens, sociedade por sociedade, e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (MAUSS, 1974, p. 211).

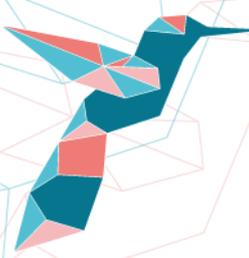
Com esta reflexão sobre as das técnicas corporais, que apontam o modo como as sociedades indígenas fazem-se valer de seus corpos, gestos e movimentos, retratadas neste escrito dos Guarani de M’Biguaçu, evidenciam a compreensão e identificação das diferenças entre sociedades, culturas e pessoas (MAUSS, 1974), já que cada uma possui estas diferenças e, isso vale para suas práticas sociais, sendo que nestas, as técnicas corporais também estão inter-relacionadas. Ainda sobre essas técnicas, HASSE (2001) *apud* GRANDO (2005), ao referir-se a elas no sentido dado por MAUSS (1974) afirma que:

Admitir-se-á, portanto, que estamos perante técnicas do corpo, sempre que um agente, uma matéria-prima e um instrumento se encontrem reunidos num só lugar. Uma técnica deve, assim, ser considerada como um conjunto de gestos, um conjunto interpenetrado de ações, encadeadas entre si, que não podem ser analisadas separadamente umas das outras (HASSE, 2001, p.5 *apud* GRANDO, 2005, p.44).

A partir destas falas, elucidar a afirmação feita por Viveiro de Castro (1986) de que a corporalidade é observada como processo de conhecimento, de linguagem expressiva, de aprendizagem e interação, possibilita observar e mostrar que:

Para as sociedades indígenas, as formas de transmissão das técnicas corporais, ou da “educação do corpo” no sentido de “fabricação da pessoa”, transforma o corpo biológico em corpo social e possibilita que a pessoa passe a se identificar em seu grupo e por ele ser identificado (GRANDO 2005, p. 8).

Este corpo social do qual a autora fala, pode ser entendido nas ações que os grupos indígenas expressam em seu cotidiano, sendo que suas cosmologias específicas fazem com que esses corpos sociais, sejam levados aos diferentes contextos através das técnicas de seus corpos e, nesse relato em específico das brincadeiras.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

Por fim, podemos observar que estas brincadeiras mencionadas têm uma relação com a vida e a cultura dos Guarani, mas que, elas não são vistas por este povo como algo que tenha uma finalidade específica, um utilitarismo, mas a partir do lúdico é possível inserir elementos culturais para as crianças.

REFERÊNCIAS

GRANDO, B. S. **A educação do corpo nas sociedades indígenas.** In: RODRIGUES MULLER, M. L; PAIXÃO, L. P. (Orgs.). Educação: diferenças e desigualdades. Cuiabá: UFMT, p. 227-252, 2005

MAUSS, Marcel. **As Técnicas Corporais.** In: Sociologia e Antropologia, com uma introdução à obra de Marcel Mauss, de Claude Lévi-Strauss; Volume II tradução de Lamberto VIVEIROS DE CASTRO, E. **A fabricação do corpo na sociedade Xinguana.** Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1986.